

o clube jane austen

natalie jenner

Tradução de Sónia Maia

Ao meu marido

*Quem herdará a Inglaterra?
Os negociantes que a gerem?
Ou as pessoas que a compreendem?*

— E. M. FORSTER

Capítulo 1

*Chawton, Hampshire
Junho de 1932*

 eitou-se no muro baixo de pedra, com os joelhos puxados para cima, e alongou as costas contra as pedras. O canto dos pássaros rompia o ar matinal em pequenos pios que lhe martelavam o crânio. Ali, quieto, com o rosto virado de frente para o céu, sentia a morte à sua volta no pequeno cemitério da igreja. Ele próprio devia parecer-se com uma efígie, pousada no cimo do muro, como que gravada em silêncio permanente, em frente de uma sepultura silenciosa. Nunca saíra daquela pequena aldeia para ver as grandes catedrais do seu país, mas sabia, pelos livros, que os antigos governantes esculpidos se apresentavam tal e qual assim, sobre os seus túmulos elevados, para que homens de mais baixa condição, tal como ele, os contemplassem reverentemente séculos mais tarde.

Era a estação da ceifa, e ele deixara a sua carroça na estrada, no preciso local onde esta chegava ao portão para gado e aos campos agrícolas, no final da velha Gosport Road. Grandes feixes de feno tinham já sido empilhados em grande quantidade na parte de trás da carroça, esperando ser transportados para as quintas de cavalos e de laticínios que salpicavam os arredores da aldeia, estendendo-se, em fila, de Alton até East Tisted. Ali deitado, sentia as costas da camisa molhadas de suor, embora o sol estivesse fraco e ainda a nascer; às nove da manhã, ele já tinha trabalhado duramente várias horas no campo.

A grande quantidade de tentilhões, piscos e petinhas acalmou-se de súbito como que obedecendo a uma ordem, e ele fechou os olhos. O seu cão estivera de guarda até àquele momento, olhando por cima do muro de pedra coberto de musgo para as ovelhas que pontilhavam os campos mais abaixo, logo a seguir à vedação escondida que marcava o perímetro da propriedade. Mas, quando o sono tornou a respiração difícil do agricultor profunda e ritmada, o cão seguiu-lhe a deixa e deitou-se abaixo do seu dono, na terra fresca do cemitério.

— Peço desculpa.

Ele acordou sobressaltado ao ouvir aquela voz ressoar acima de si. Uma voz de mulher. Com sotaque americano.

Sentando-se, tirou as pernas de cima do muro de pedra para ficar de pé diante dela. Olhou-lhe rapidamente o rosto, deitou uma olhadela à sua silhueta e depois, com a mesma rapidez, desviou o olhar.

Ela parecia ser bastante jovem, com pouco mais de vinte anos. Trazia um chapéu de palha de aba larga com uma fita azul-índigo amarrada em volta, que condizia com o azul-escuro do seu vestido justo. Parecia alta, quase da altura dele, até ele reparar que ela tinha os saltos mais altos que alguma vez vira. Numa mão, segurava um pequeno panfleto e na outra uma pochete preta — e, à volta do pescoço, ostentava uma pequena cruz num fio de prata curto.

— Lamento incomodá-lo, mas é a primeira pessoa que vejo esta manhã. E, sabe, estou perdida.

Como residente de toda a vida em Chawton, com uma população de 377 pessoas, o homem não ficou surpreendido. Era sempre um dos primeiros aldeões a levantar-se e a sair de manhã, logo a seguir ao leiteiro, ao Dr. Gray nas suas rondas mais urgentes e ao carteiro que ia buscar a correspondência ao posto local.

— Sabe — repetiu ela, começando a adaptar-se à reserva natural do seu interlocutor —, vim de Londres passar cá o dia; apanhei o comboio de Winchester para aqui para ver a casa da escritora Jane Austen. Mas não consigo encontrá-la e, como vi esta igreja de paróquia da estrada, decidi vir dar uma vista de olhos. Para ver se encontrava algum vestígio dela.

O homem olhou para a igreja por cima do ombro direito, a mesma igreja que frequentara toda a sua vida, feita de sílex e grés vermelho locais e protegida por faias e ulmeiros. Fora reconstruída há algumas gerações — nada de importante relacionado com Jane Austen ou com a sua família mais próxima fora deixado no seu interior.

Virou-se e olhou por cima do ombro esquerdo, para a pequena porta nas traseiras do cemitério, através da qual se conseguiam vislumbrar enormes vedações de teixo cortadas na forma de cones circulares. Mesmo quando era pequeno, nunca lhe tinham parecido mais do que enormes saleiros e pimenteiros. As vedações bordejavam o terraço ajardinado a sul de uma imponente casa isabelina situada num declive, com um telhado de duas águas, tijolos vermelhos e um alpendre Tudor de três andares coberto de trepadeiras.

— A casa maior é ali atrás — disse ele, abruptamente —, logo a seguir à igreja. Chama-se Casa Grande. É onde vive a família Knight. As sepulturas da mãe e da irmã da Menina Austen estão aqui mesmo... vê-as, menina, junto à parede da igreja?

O rosto dela iluminou-se de gratidão, tanto pelas informações como pela gradual disponibilização dele para participar na conversa.

— Oh, meu Deus, não fazia ideia...

Então, os olhos começaram a encher-se-lhe de lágrimas. Era o ser humano mais fascinante que ele já vira, como um modelo num anúncio de jornal a cabeleireiros ou a sabonetes. Quando as lágrimas começaram a correr, a cor dos seus olhos fixou-se em algo que ele nunca tinha visto, um tom de azul quase violeta, e as lágrimas acumularam-se em filas de pestanas negras como tinta, ainda mais negras do que o seu cabelo.

Desviando o olhar, ele tentou contorná-la cuidadosamente, com o cão, *Rider*, agora a mordiscar-lhe as botas enlameadas. Afastou-se até estar de pé junto a duas grandes lápides de pedra que se erguiam do chão, muito direitas. Ela seguiu-o, com os saltos dos seus sapatos pretos a colarem-se um pouco à terra do cemitério, e ele viu-a formar, silenciosamente, com a boca as palavras gravadas nas duas pedras tumulares.

Recuando, ele procurou o boné no bolso. Puxando para trás a madeixa de cabelo louro claro que tendia a cair-lhe sobre a testa enquanto trabalhava, enfiou-a por baixo da aba do boné, que puxou para a frente, por cima dos olhos. Agora, queria afastar-se dela e das estranhas emoções despertadas nela pelas sepulturas sem adornos de simples mulheres mortas no último século.

Foi esperar com o *Rider* junto ao portão principal de entrada no cemitério. Passados vários minutos, ela apareceu, finalmente, dobrando a esquina da igreja, parando, desta vez, para ler as inscrições em cada lápide por que passava, como se esperasse descobrir ainda mais almas em repouso dignas de nota. De vez em quando, cambaleava um pouco, quando

o seu salto batia na extremidade de uma pedra, e fazia uma ligeira careta por ser tão desastrada. Mas os seus olhos nunca se desprenderam das sepulturas.

Parou perto dele, junto ao portão do cemitério, e olhou para trás com um suspiro satisfeito. Agora, sorria e estava mais composta — tão composta que, finalmente, condizia com a aura de dinheiro emanada tanto da sua postura como das suas maneiras.

— Peço desculpa, não estava preparada. Sabe, vim de tão longe para ver o chalé onde ela escrevia os livros... a mesinha, a porta que rangia — acrescentou, sem obter uma reação visível. — Não consegui descobrir muito sobre nada disto em Londres... muito obrigada por me dizer.

Ele abriu-lhe o portão do cemitério e começaram a caminhar juntos de volta à estrada principal.

— Posso levá-la a casa dela, se quiser. Quase não chega a uns 1,6 quilómetros rua acima. Já fiz a minha ceifa matinal na quinta, antes que fique demasiado calor, por isso tenho tempo.

Ela sorriu, um grande e branco sorriso vitorioso, o tipo de sorriso que ele só conseguia imaginar numa americana.

— Isso é muito simpático da sua parte, obrigada. Sabe, eu pensava que as pessoas vinham muito aqui, assim, como eu... não vêm?

Ele encolheu os ombros enquanto caminhava devagar para acompanhar o passo dela ao longo do caminho de gravilha de 800 metros que conduzia à estrada, vindo da Casa Grande.

— Vêm bastantes vezes, acho eu. Mas, na verdade, não há muito para ver. Agora, o chalé está transformado em apartamentos para trabalhadores; tem inquilinos em todos os quartos.

Virou-se para ver o rosto dela fechar-se de desapontamento. Como que para a animar, antes de sequer perceber porquê, perguntou-lhe pelos livros.

— Nem sei se consigo responder a isso — replicou ela, enquanto ele apontava o caminho de volta à estrada rural, do lado oposto àquele em que estava a sua carroça, com a carga temporariamente esquecida. — Só sinto, quando a leio, quando volto a lê-la, o que faço mais do que com qualquer outro autor, que é como se ela estivesse dentro da minha cabeça. Como música. O meu pai leu-me os livros pela primeira vez quando eu era muito jovem (morreu quando eu tinha doze anos) e também ouço a sua voz, quando a leio. Nada o fazia rir abertamente, nada, como esses livros o faziam.

Ele ouviu-a divagar, e depois abanou a cabeça, como que incrédulo.

— Então, não a leu? — perguntou a mulher, também com um brilho de incredulidade nos olhos, ao encontrarem os dele.

— Não posso dizer que me interesse muito. Fico-me pelo Haggard, e outros do género. Histórias de aventuras, sabe? Talvez me vá julgar por isso.

— Nunca julgaria ninguém por aquilo que lê — ela apercebeu-se da expressão irónica no rosto dele e acrescentou, com mais um sorriso rasgado: — Embora me pareça que acabei de o fazer.

— Seja como for, nunca percebi como um punhado de livros acerca de raparigas à procura de marido podem estar ao nível dos maiores escritores. Como Tolstói, por exemplo.

Ela olhou-o com um interesse renovado.

— Já leu Tolstói?

— Dantes, lia. Eu estava destinado a estudar, durante a guerra, mas ambos os meus irmãos foram chamados a combater. Eu fiquei aqui, para ajudar.

— Então, trabalham todos juntos na quinta?

Ele desviou o olhar.

— Não, menina. Estão os dois mortos. Foi a guerra.

Ele gostava de falar assim, como um corte limpo, aguçado, profundo e irrevogável. Como que a tentar esvaziar qualquer tentativa de continuar a conversa. Mas tinha a sensação de que, com ela, aquela abordagem só poderia levar a mais perguntas, por isso apressou-se a continuar:

— A propósito, vê aquelas duas estradas, o ponto onde se encontram? Veio de Winchester, da esquerda, não foi? Bem, continue por aqui, para a direita, que é agora a estrada principal para Londres, e chegará à propriedade Chawton. O chalé é aí, mesmo em frente.

— Oh, é mesmo muito amável da sua parte. Obrigada. Mas tem de ler os livros. Tem mesmo. Quero dizer, vive aqui... como pode não os ler?

Ele não estava habituado àquele tipo de persuasão emocional — só queria voltar para a sua carroça de feno e sair dali.

— Prometa-me, por favor, senhor...?

— Adam. Chamo-me Adam.

— Mary Anne — respondeu ela, estendendo a mão para se despedir.

— Comece com *Orgulho e Preconceito*, claro. E, depois, *Emma*... é a minha preferida. Tão ousada e, no entanto, tão maravilhosamente alheada. Por favor?

Ele encolheu novamente os ombros, inclinou o boné num cumprimento e começou a descer a estrada. Atreveu-se a olhar para trás uma única vez, quando passou o lago onde as duas estradas se encontravam. Viu-a ainda ali parada, alta e esguia no seu azul-noite, olhando para o chalé em tijolo vermelho, para a sua janela entaipada e para a porta de entrada branca, que abria sobre a estrada.

Quando Adam Berwick acabou o resto do seu dia de trabalho, deixou a carroça, agora vazia, de novo junto ao portão para gado e caminhou com dificuldade pela estrada principal até chegar ao pequeno chalé com terraço que era a sua casa há vários anos.

A sua família já fora muito maior, constituída pelo pai, a mãe e três filhos, dos quais ele era, de longe, o mais novo. Tinham uma pequena quinta, orgulhosamente mantida por quatro gerações da família do seu pai. Este legado exigira que todos os homens Berwick comessem a fazer trabalho braçal desde muito novos. E ele adorara-o: a repetição, o ciclo invariável das estações, o ir-se deitar sem tempo para conversas.

Mas Adam era também um aluno atento e diligente, tendo aprendido sozinho a ler mal fizera cinco anos nos livros que o pai deixava pela casa, e depois lendo tudo o que apanhava. Visitava com a mãe a cidade de Alton, maior do que a sua aldeia, sempre que podia. O seu momento preferido, ainda mais do que a ida à loja de doces e a compra ocasional de um único doce para si, era a oportunidade de ver os livros infantis na biblioteca e de encontrar algo novo para requisitar. Porque — e continuava a não perceber como pessoas como os seus irmãos não o percebiam — dentro das páginas de cada livro encontrava-se todo um outro mundo.

Ele desaparecia para dentro desse mundo sempre que precisava — sempre que sentia o mundo exterior, e as outras pessoas, a pressioná-lo — uma pressão gerada pelo contacto social e por expectativas que, para os outros, faziam certamente parte da rotina, mas que o afetavam muito mais intensa e inexplicavelmente. Mas também conseguia experienciar as coisas do ponto de vista das outras pessoas e aprender lições juntamente com elas, e — o que, para ele, era mais importante — descobrir a chave para levar uma vida feliz. Sentia que, fora da sua rude família de agricultores, as pessoas existiam num plano muito diferente, com as suas emoções e os seus desejos telegrafados em linhas intermináveis, vibrando

em ouvidos até então desconhecidos, criando pequenas fricções e faíscas. A sua própria vida tinha muito pouca fricção, e ainda menos faíscas.

Ganhar a bolsa de estudos para a faculdade fora o único momento excitante da sua vida como jovem, e foi-lhe retirado de imediato quando os seus irmãos foram para a guerra. Ele era, ao mesmo tempo, demasiado novo para combater e, segundo a sua mãe, também demasiado crescido para o que ela chamava estudos inúteis. A guerra mudara tudo, e não só para a sua família — embora toda a gente na aldeia reconhecesse que os Berwick tinham sofrido mais do que a maioria, com ambos os filhos mais velhos mortos em combate no mar Egeu em 1918 e o pai menos de um ano depois com a gripe espanhola. Agora, havia uma solicitude para com a mãe e para com ele, um profundo cuidado da comunidade que, nalguns momentos, fora a única coisa que os impedira de mergulhar no mais negro desespero.

Mas, embora fossem impedidos de cair no abismo, continuavam sempre a vacilar à sua beira. Nem ele nem a mãe, apesar dos seus diferentes feitios, pareciam ter energia para mais do que a submissão à vida — a ideia de que poderiam ter de lutar para mudar as coisas ultrapassava-os. Por isso, poucos anos depois da guerra, entre as dívidas, o desgosto e os constantes lamentos da mãe, tinham revendido a quinta à família Knight, com um desconto significativo. Ao longo das gerações, muitos Berwick tinham trabalhado na propriedade dos Knight como pessoal da casa ou criados, incluindo a mãe e a avó dele, e agora também Adam iria trabalhar para eles apanhando o feno todos os verões, lavrando os campos e plantando algumas colheitas rotativas de trigo, lúpulo e cevada.

Por fim, a família Knight, como tantas outras na aldeia, começou a ter problemas financeiros. Adam sentia que estavam todas ligadas, numa relação de interdependência, e que a venda da quinta aos Knight, assim como o seu emprego, faziam parte de um esforço comunitário mais vasto para o sustento e a sobrevivência.

Ele sobrevivia oscilando à beira do precipício — pelo menos, agia como se assim fosse. Mas, no seu íntimo, no lugar que só os livros podiam tocar, permaneciam um profundo desconhecimento e a mais forte e cortante dor. Adam sabia que parte do seu cérebro se fechara a toda a dor, num esforço bizarro para se proteger, e a sua mãe era pior ainda, pois parecia estar apenas à espera de morrer, ao mesmo tempo que o avisava constantemente de como as coisas seriam más sem ela. Entretanto, fazia apenas o necessário ao seu papel de mãe — preparava-lhe as torradas e

o chá de manhã, e depois, tal como agora, mantinha-lhe o jantar quente ao final do dia.

Sentavam-se juntos, sozinhos, à mesa da cozinha, como estavam a fazer agora, e ele contava-lhe o seu trabalho, e ela contava-lhe quem encontrara na aldeia, ou em Alton, se fosse o seu dia de compras a meio da semana. Falavam de tudo e mais alguma coisa, exceto do passado.

Mas, naquele dia, ele não lhe contou da jovem americana. Não sabia bem o que queria dizer. Para já, a mãe estava sempre a pressioná-lo para arranjar uma esposa, e aquela forasteira estava tão para além dele em beleza que era quase de outro mundo. A sua mãe era também uma das habitantes da aldeia para quem a ligação a Jane Austen era mais uma irritação do que qualquer outra coisa. Ela guardava as suas queixas mais amargas para os turistas e mirones que, com bastante frequência, desciam até à pequena aldeia pedindo informações, exigindo ver alguma coisa, esperando que a vida ali fosse tal e qual como nos livros. Como se as pequenas vidas dos aldeões fossem, de alguma forma, irreais, e aquilo que era real — a única coisa real — e que importava, e que alguma vez importaria, tivesse acontecido há mais de cem anos.

Ele estava a ficar bastante preocupado com o Sr. Darcy.

Parecia a Adam que, quando um homem acha os olhos de uma mulher bonitos, e tenta escutar as conversas dela, e fica excessivamente afetado pela má opinião que ela tem dele, esse homem está a caminho de qualquer coisa inexplorada, quer o admita perante si próprio ou não. Adam não sabia muito de mulheres (embora a mãe estivesse sempre a dizer-lhe que não havia muito que saber), mas interrogava-se se, na história da vida, assim como na literatura, um homem alguma vez sucumbira a uma paixão tão óbvia e rápida como o Sr. Darcy, e se absteria de fazer alguma coisa a esse respeito, exceto afastá-la inadvertida e eficazmente.

Apreciava mais do que nunca o seu chalé com duas assoalhadas no andar de baixo, duas no andar de cima e terraço, que estava situado ao lado de um caminho que ia dar à estrada principal de Winchester e que lhe proporcionava um quarto só para si e espaço para ler. No seu quarto escassamente mobilado, de teto com empena, estava a simples cama de solteiro — metade de um conjunto de duas — onde ele dormia desde

a infância. Em cantos opostos do quarto, havia um único armário de carvalho e uma cómoda antiga. E tinha a sua prateleira de livros que, um dia, tinham pertencido ao pai — romances de aventuras, o tesouro dos rapazes, e os grandes nomes como Conan Doyle, Alexandre Dumas e H. G. Wells. Mas agora, ao lado da cama, estava um livro da biblioteca bastante grosso de capa dura e plastificada, a qual mostrava duas mulheres de touca segredando uma à outra, enquanto, na retaguarda, se via um homem numa postura imperiosa, ao lado de um vaso de jardim.

Tinha-o requisitado discretamente na biblioteca apenas dois dias antes.

Estava a lê-lo depressa.

Mas, por muito que o divertisse, o livro também o confundia. Para começar, espantava-o o caráter do pai; não lhe parecia que ficasse bem ao Sr. Bennet passar todo o seu tempo livre barricado no seu escritório ou a escarnecer de toda a gente. A Sr.^a Bennet era muito mais fácil de compreender, mas havia alguma coisa na família Bennet que lhe parecia deslocado, de uma forma que não se lembrava de alguma vez ter encontrado em literatura. Pelo menos, não no seio de uma grande família. Já lera livros acerca de órfãos, e de traição entre amigos, e de pais presos por dívidas — mas os maiores enredos dependiam sempre de um ato de vingança, ou de cobiça, ou de um testamento desaparecido.

Para todos os efeitos, os Bennet simplesmente não gostavam uns dos outros. Ele não esperava isso de uma escritora feminina comprometida com finais felizes. Contudo, infelizmente, aquilo parecia-lhe mais real do que qualquer coisa que já tivesse lido.

Ao acabar o capítulo em que Darcy mostra a sua propriedade à mulher que, anteriormente, tinha tão energicamente declinado o seu pedido de casamento, Adam começou, finalmente, a adormecer. Lembrou-se da recente visitante à sua aldeia, da pequena cruz pendente de um fio, do sorriso branco e vitorioso: sinais da fé e esperança que tão tristemente faltavam na sua vida. Não conseguia conceber a vontade de viajar para tão longe por causa de algo tão bizarro — no entanto, a visitante irradiara também uma felicidade incontida, verdadeira felicidade, do tipo que ele sempre procurara nos livros.

Ler Jane Austen estava a fazê-lo identificar-se com Darcy e com o poder estrondoso da atração física que choca com a opinião racional da pessoa. Estava a ajudá-lo a compreender como até uma pessoa sem grandes meios ou iniciativa pode exigir ser tratada. Como podemos

comportar-nos toalmente sem que ninguém à nossa volta nos chame, necessariamente, a atenção para isso.

Com certeza nunca mais veria a mulher americana. Mas talvez ler Jane Austen pudesse ajudá-lo a absorver mesmo que uma pequena parte da sua disposição alegre.

Talvez ler Austen lhe desse a chave.

Capítulo 2

*Chawton, Hampshire
Outubro de 1943*

 Dr. Gray estava sentado, sozinho, à secretária do seu escritório, uma pequena divisão logo a seguir à sala principal, maior, que lhe servia de consultório. Olhava tristemente para a película de radiografia que tinha perante si. Ambas as pernas de Charles Stone tinham sido tão violentamente esmagadas que o bom médico não conseguia imaginá-las a recuperar, com o tempo, as suas funções em qualquer grau.

Segurou na radiografia contra a luz dourada de outubro que entrava em feixes pela janela lateral e franziu os olhos, fixando-a outra vez, embora soubesse que não havia nada mais a ver — nada que tornasse tudo aquilo nem um pouco mais fácil de transmitir.

Tendo crescido em Chawton, o Dr. Gray mudara-se para Londres durante a Grande Guerra para tirar o curso de medicina e fazer o estágio, tendo voltado à aldeia em 1930 para substituir o velho Dr. Simpson no consultório. Nos últimos treze anos, tinha feito vir ao mundo tantos doentes como os que vira partir. Conhecia a história de cada família e o seu destino — aquelas em que a loucura saltara uma geração, ou em que a asma não o fizera. Sabia a que doentes se podia dizer a verdade nua e crua — e quais ficavam melhor sem a saber. Charlie Stone ficaria melhor sem saber, pelo menos por agora. Assim, manter-se-ia afastado dos extremos do desespero, até que a passagem do tempo e a pobreza crescente se sobrepusessem ao seu orgulho.

O Dr. Gray colocou os dedos sobre as têmporas e pressionou-as com força.   sua frente, sobre o mata-borrão, estava uma série de frascos de medicamentos. Olhou distraidamente para um deles, e depois ergueu-se resolutamente, apoiando-se nos braços da sua cadeira de madeira giratória. A tarde ia a meio, e era, normalmente, àquela hora que a sua enfermeira e governanta lhe trazia o seu chá. Mas precisava de apanhar ar, de aclarar a mente e de uma pausa em todas as preocupa es que se acumulavam perante ele todos os dias. Era o clínico geral da aldeia de Chawton, mas também o seu confidente, a sua figura paternal e o seu fantasma residente — alguém que sabia mais do futuro e do passado do que qualquer outra pessoa.

Saiu da sua casa coberta de rosas com telhado de colmo pela porta de entrada verde que estava sempre aberta para os doentes e que dava diretamente para a rua. Como todas as antigas casas de trabalhadores rurais, aquela estava tão perto da estrada principal que praticamente se precipitava sobre ela. A sua enfermeira, Harriet Peckham, tentava manter as cortinas de renda da janela saliente na frente da casa o mais fechadas possível durante as consultas, mas os pequenos olhos atentos da cidade já tinham demonstrado ser ainda mais pequenos, dada a sua determina o em espreitar através do padrão de ilhoses e da pequena fresta onde as cortinas se encontravam.

Começou a caminhar pela estrada abaixo e viu o táxi de Alton encostar no cruzamento onde a Winchester Road se desdobrava em duas, e onde o velho lago tinha, recentemente, sido dragado. De vez em quando, ainda se avistavam tr s patos a vaguear pelas ruas, em busca do seu paraíso perdido. Mas, naquele momento, o Dr. Gray estava a observar três mulheres de meia-idade que saíam do táxi por entre uma profusão de chapéus e de malas de mão, indo aterrar precisamente na frente do antigo chalé de Jane Austen.

Apesar da guerra que, naquele momento, atravessava o Atlântico, havia mulheres de uma certa idade que ainda consideravam avisado viajar até Chawton para ver onde vivera Austen. O Dr. Gray sempre se maravilhara com o espírito feminino que as fazia vir prestar homenagem   grande escritora. Algo nelas fora libertado pela guerra; um medo essencial que o mundo tentara incutir-lhes tinha colapsado perante um inimigo ainda maior. Perguntou-se se o futuro, como o previa o cinema, pertenceria àquelas mulheres. Mulheres tagarelas, que viajavam em grupo, cheias de vigor e de espírito de missão, indo atrás daquilo que queriam, fosse

grande ou pequeno. Tal como Bette Davis em *Jezebel* ou Greer Garson no seu filme preferido, *Random Harvest*.

O Dr. Gray permitia-se uma noite por semana para se dedicar a uma paixão que partilhara com a sua falecida esposa: uma viagem de autocarro à cidade vizinha de Alton para ver o último filme estreado. Passava o resto do seu tempo livre tentando distrair-se para não pensar em Jennie. Mas nesses momentos, quando as luzes da sala de cinema esmoreciam e os casais se encostavam ainda mais entre si, ele permitia-se imaginar a sua amada esposa e as noites que costumavam passar juntos no cinema. Ela queria sempre ver filmes «piegas», aquelas histórias centradas em mulheres que tinham como protagonistas atrizes como Katharine Hepburn e Barbara Stanwyck, e ele, por vezes, dava um pouco de luta, tentando debilmente convencê-la a ver um *western* ou um filme de *gangsters* — mas acabava sempre por gostar tanto das escolhas dela como ela própria. Às vezes, prescindiam até do autocarro no final da sessão e caminhavam meia hora até casa sob o luar, discutindo o filme que tinham acabado de ver. Ele mal podia esperar para ouvir o que ela tinha a dizer.

Sempre a amara, especialmente, pela sua mente — e era suficientemente inteligente para saber que ela era muito mais inteligente do que ele. Fora uma das poucas mulheres da sua faculdade e passara tanto tempo na biblioteca como no laboratório. A sua aguçada mente matemática poderia ter sido um bem valioso no esforço de guerra, mas essa era uma das muitas coisas sobre ela que ele nunca saberia. Ela morrera há quatro anos de uma simples queda pelas escadas que levavam ao quarto deles, tendo batido com a cabeça da pior forma possível, na parte saliente do último degrau que ele sempre tencionara arranjar. A hemorragia interna fora rápida e aguda, e ele fora totalmente incapaz de a salvar.

Um médico que não consegue salvar a própria esposa ganha uma fama bastante negativa, a juntar ao desgosto e aos remorsos. Nunca ninguém seria tão duro para com ele como ele próprio, mas o seu orgulho profissional fazia-o, muitas vezes, perguntar-se se os outros aldeões não o culpariam também.

Ao passar pelo trio de mulheres que conversavam entusiasticamente em frente do pequeno portão branco que levava ao chalé de Austen, cumprimentou-as inclinando o chapéu. Não se contava entre os aldeões que as consideravam um incómodo a evitar. Cada pessoa que fazia daquela aldeia um local de peregrinação mantinha vivos o legado e a aura de Austen e, sendo ele próprio um admirador dela de longa data, gostava

de ver os aldeões no papel de guardas involuntários de algo muito maior do que poderiam suportar.

Estava a virar para a velha Gosport Road que levava à Casa Grande e à vizinha propriedade Knight quando viu um colega membro do conselho diretivo da escola a aproximar-se dele, vindo dessa direção.

Inclinaram os chapéus um ao outro, e depois o outro homem disse precipitadamente:

— Ainda bem que te encontro, Benjamin. Estou com outro problema na escola.

O Dr. Gray suspirou.

— A nova professora?

O outro homem assentiu com a cabeça.

— Sim, a jovem Menina Lewis, como deduziste. Tem os rapazes numa dieta permanente de autoras femininas desde o século XVIII. Não consigo chamá-la à razão — fez uma pausa. — Pensei que ela te desse ouvidos.

— Porquê?

— Bem, para já, porque és o mais próximo dela em idade.

— Não por muito.

— E, além disso, pareces compreender bem, hum, os métodos de ensino dela.

Os olhos do Dr. Gray estreitaram-se impercetivelmente.

— Já sou médico aqui há muitos anos e gostaria de pensar que compreendo bastante bem toda a gente nesta aldeia. Isso não significa necessariamente que tenha alguma influência sobre as pessoas.

— Mas tenta, hum? Bom rapaz.

O Dr. Gray não achava que pudesse persuadir Adeline Lewis fosse do que fosse. Sabia que os seus colegas do conselho diretivo da escola — todos homens, e todos na casa dos cinquenta e para além disso — tinham algum medo da jovem mulher que estava no primeiro período do seu primeiro emprego como professora. Adeline tinha muita confiança nos seus planos de ensino e resistia fortemente a quem quer que a quisesse manobrar. Também fisicamente, era da altura da maioria dos homens — o que não era difícil, já que o Dr. Gray era o único que se aproximava de 1,80 metros. Mas talvez o mais enervante de tudo fosse que Adeline Lewis era atraente, de uma forma que se insinuava em todos eles, até se esquecerem do que pretendiam dizer. Olhava os vários membros do conselho diretivo nos olhos, sempre pronta a dizer o que pensava, sempre pronta

para a luta, e eles, inevitavelmente, cediam-lhe. O Dr. Gray abanava a cabeça de reprovação sempre que um deles abria as reuniões mensais do conselho diretivo com mais uma história de capitulação.

— Bem — respondeu, hesitante, olhando em volta como se esperasse ver alguém ferido estendido na rua que requeresse os seus serviços médicos imediatos —, julgo que posso passar por lá agora.

— É assim mesmo — o outro homem sorriu. — Tens a certeza de que não te estamos a tirar tempo de que precisas?

O Dr. Gray abanou a cabeça.

— Não, ia só dar um passeio para aclarar as ideias.

O outro homem inclinou novamente o chapéu e continuou o seu caminho, gritando alegremente para trás de si:

— Duvido que ter de pôr a Menina Lewis na ordem te ajude nessa tarefa...

O Dr. Gray hesitou, virou-se para olhar para o colega, e depois seguiu em frente até chegar à velha escola de estilo vitoriano que ficava em frente ao campo de críquete da aldeia, do outro lado da estrada. Supôs que as aulas deviam estar a acabar naquele momento, às 15h30. De facto, quando entrou na sala dos alunos mais velhos, agora deserta, encontrou Adeline Lewis de pé junto ao quadro, de giz na mão, escrevendo e fazendo gestos para uma rapariga sentada na secretária do professor como se fosse aí o seu lugar. O Dr. Gray reparou num livro de Virginia Woolf nas mãos da aluna.

A frase *O Casamento como Contrato Social para Evitar a Pobreza* estava a ser escrita em letras brancas e brilhantes de um lado ao outro do quadro.

O Dr. Gray suspirou outra vez, e Adeline devia tê-lo ouvido, porque se virou.

— Foi enviado para me repreender — disse ela, com um sorriso; mas era um sorriso de entendedor, e não de derrotado, e ele sentiu o maxilar cerrar-se-lhe automaticamente.

— Não para repreender; para compreender. Um programa constante de escritoras femininas, Adeline, com franqueza... para uma sala cheia de rapazes adolescentes?

Adeline baixou os olhos para a rapariga sentada à secretária, que fechara o seu livro de Virginia Woolf e observava agora os dois adultos com um interesse indisfarçado.

— Não são só rapazes... Dr. Gray, já conhece a menina Stone.

O Dr. Gray inclinou a cabeça.

— Como estás, Evie? Como está o teu pai?

O pai de Evie era aquele com cuja radiografia o Dr. Gray se preocupava. Charlie Stone tinha sido gravemente ferido num acidente de trator há alguns meses, e o Dr. Gray sabia a catástrofe que isso fora para a família, tanto financeira como emocionalmente. Sabia também que o pai da rapariga nunca mais voltaria a fazer trabalho físico, embora ainda não tivesse tido coragem de o comunicar ao seu doente em termos precisos. O que mais preocupava o Dr. Gray era imaginar como aquela grande família com cinco filhos abaixo dos quinze anos conseguiria subsistir sem o rendimento do seu único provedor. Tinha ouvido conversas entre os adultos da quinta no sentido de tirar a filha mais velha, Evie, da escola para ir trabalhar como criada, e esse era apenas um dos muitos segredos que tinha de guardar.

— Ele tem lido muito — disse Evie. — A Menina Lewis deu-lhe uma lista de livros para o animar, e ele está a requisitá-los da biblioteca, um por um.

O Dr. Gray ergueu uma sobrancelha na direção da Menina Lewis, como se tivesse tropeçado em provas úteis ao seu ponto de vista.

— Um dia destes, gostava de ver essa lista, se fosse possível.

— Dificilmente — replicou Adeline, com uma ligeira frieza na voz.

— Tenho autoridade suficiente aqui para fazer as minhas escolhas.

Evie continuou a observar os dois adultos, sentindo uma estranha mudança na atitude entre eles, como se se tivessem esquecido de que ela estava ali sentada. O Dr. Gray era, geralmente, tão cavalheiro com as mulheres — juntamente com o seu cabelo grisalho, olhos castanhos intensos e ombros largos, era a sua postura, tanto quanto a sua vocação, que faziam dele um objeto de interesse e, segundo suspeitava a jovem Evie, de desejo entre as mulheres da aldeia. Mas, com Adeline, ele parecia sempre, como agora, tanto enervado como na defensiva. Ao mesmo tempo, Adeline não mostrava nenhuma da deferência que essas mesmas mulheres geralmente lhe demonstravam, o que Evie suspeitava que irritasse ainda mais o Dr. Gray.

— Bem, então vamos perguntar à Menina Evie, está bem? — dizia Adeline, e Evie saiu do seu devaneio e viu os dois adultos virados para ela.

Mas ela não tinha qualquer interesse em meter-se naquilo, pois estava totalmente do lado da Menina Lewis no que tocava aos seus métodos de ensino. Em vez disso, Evie pegou na sua mochila, que estava numa

carteira ali perto, e, com um rápido aceno de cabeça e um adeus, escapuliu-se pelo velho soalho de carvalho da sala de aulas.

— Ah, ter catorze anos novamente e nenhuma compostura — disse o Dr. Gray com uma gargalhada, quando Evie já estava suficientemente longe.

— Oh, a Evie Stone tem compostura que chegue. Só não quer envolver-se com pessoas como o senhor.

Adeline deu a volta até à frente da secretária e encostou-se a ela, de braços cruzados, com o pedaço de giz ainda nos dedos. Envergava uma saia direita castanha até aos joelhos e uma blusa creme com alguns botões abertos no pescoço, o que acentuava a sua tez morena, e os mesmos sapatos de atacadores de salto grosso que o Dr. Gray via, ultimamente, em todas as jovens mulheres trabalhadoras.

— Olhe, estamos a fazer análise crítica e temática do texto, Dr. Gray; porquê, vai dizer-me que, se estiverem todos à procura de tesouros ou a lutar com piratas, isso será mais relevante? A compreensão dos costumes sociais através das lentes da literatura é tão importante para os jovens rapazes como para as raparigas. Ou acha que não tem importância nenhuma?

O Dr. Gray tirou o chapéu, e ela olhou-o em silêncio, de cabeça inclinada para um lado, enquanto ele despenteava o cabelo e se sentava numa das minúsculas carteiras em frente dela.

— O que é? — perguntou ele, ao vê-la olhá-lo.

— Parece tão pequeno, aí sentado. Costuma parecer tão alto.

— Parece-me que não sou muito mais alto do que a menina.

— Não... mas *parece* ser.

— Não pode, ao menos, acrescentar algum Trollope, um bom velho *Doutor Thorne*, ou algo parecido?

— O senhor e o seu Trollope — cruzou as pernas ao nível dos tornozelos, como se tivesse todo o tempo do mundo para discutir com ele, sem parar de o observar com curiosidade. — Ouça, ambos sabemos que gosta tanto de Austen como eu. Eu falo das Guerras Napoleónicas, da abolição, e de tudo isso.

— Estou certo de que fala — sorriu ele. — Estou certo de que cobre todos os temas. É mais do que exaustiva no seu planeamento das aulas. Mas os outros membros do conselho diretivo...

— E o senhor...

— Não, eu só concordo até certo ponto; mas, acima de tudo, porque

não quero que perca o emprego. Quando a contratámos para esta vaga, fiquei contente por poder ficar perto de casa e ajudar a sua mãe. Fiquei contente por ver um habitante de Chawton, por assim dizer, ter um papel na moldagem das nossas mentes mais jovens.

— Dr. Gray, porque é tão formal? Diga-me apenas o que quer que eu faça. Sabe que o faço sempre. Mais cedo ou mais tarde — acrescentou, com um sorriso brincalhão.

Ele olhava-a enquanto ela falava, tentando lidar com a consciência cada vez maior de que ela estava, de alguma forma, a troçar dele. Ou, pelo menos, a desafiá-lo. Sentia-se muitas vezes assim quando estava com Adeline — o que era muito enervante.

— Olá, Addy! — retumbou a voz de um jovem no corredor das salas de aula.

O Dr. Gray virou-se no assento e viu Samuel Grover, outro dos jovens da aldeia, aproximando-se alegremente deles, totalmente fardado.

— Olá, Dr. Gray, como está? — O jovem juntou-se a Adeline na secretária, pôs-lhe o braço à volta da cintura e deu-lhe um beijo demorado na face.

Como médico da aldeia, o Dr. Benjamin Gray já tratava tanto de Samuel como de Adeline há muitos anos, tendo-os visto crescer juntos, ambos de cabelos e olhos castanhos e de riso rápido, como espelhos um do outro. Desde então, eram o orgulho dos pais, Samuel seguindo as pisadas do pai nos estudos para solicitador e Adeline recebendo o seu diploma de professora. Mas o Dr. Gray não fazia ideia de que já eram, oficialmente, um casal.

Levantou-se bastante abruptamente, pegando no chapéu.

— Bem, vou andando. Menina Lewis, Samuel... quero dizer, oficial Grover.

O Dr. Gray regressou à porta principal da escola e Adeline correu atrás dele.

— Peço desculpa, espere, tenho a certeza de que ainda não tinha acabado — chamou ela, agarrando-lhe a parte de trás da manga do casaco para o fazer abrandar o passo.

Ele baixou os olhos para a mão dela na manga dele e reparou, pela primeira vez, no anel de noivado, uma pequena e solitária pedra de granada.

— Eu não sabia — disse ele, rapidamente. — Devia ter-vos dado os parabéns. Por favor, dê os meus cumprimentos ao Samuel.

— Dr. Gray, está tudo bem? Vou mesmo pensar naquilo que disse; talvez me tenha excedido um pouco nos últimos tempos. Embriagada de poder, como se diz — fez-lhe um largo e feliz sorriso, e ele viu, pela primeira vez, como ela estava, também, feliz.

— Quando é a data? — torceu o chapéu que ainda tinha nas mãos.

— Não temos pressa.

— Afinal, ainda são os dois tão jovens.

— Não suficientemente jovens para impedir que o Samuel seja mandado combater pelo rei e pela pátria. Mas, sim, ainda bastante jovens, como está sempre a recordar-me. Não faz mal... será um objetivo de vida — disse ela, com um sorriso.

— Tenho a certeza de que será, para os dois. Bem, é melhor ir andando — pôs o chapéu e começou a descer novamente a rua que levava à cidade.

Tal como previsto, a conversa com Adeline Lewis não contribuíra em nada para lhe aclarar as ideias.